

Literatura e história, masculinidades e feminilidades: uma leitura de São Miguel, um romance de Guido Wilmar Sassi

*Fernando Vojniak**

Resumo

Pretende-se explorar as possibilidades do cruzamento entre a história e a literatura no intuito de considerar, no romance regionalista São Miguel, de Guido Wilmar Sassi (1922-2002), aqueles aspectos consecutivos às mudanças na constituição histórica das masculinidades e das feminilidades e das relações socioculturais entre homens e mulheres na região oeste de Santa Catarina.

Palavras-chave: História. Literatura. Masculinidades. Feminilidades. Guido Wilmar Sassi.

Exortação

Recentemente, com grande satisfação, recebi o convite do Professor Elison Antônio Paim para submeter um artigo ao próximo número dos Cadernos do CEOM, este profícuo periódico do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina, hoje, sob a competente coordenação do estimado professor.

“Trata-se de um dossiê em comemoração aos vinte anos do curso de história da Unochapecó”, explicou-me, pessoalmente, o Prof. Paim, e completou: “um dossiê com textos dos egressos do curso.” Como ex-aluno, não poderia deixar de aceitar o convite; não apenas em retribuição à especial oportunidade que me foi oferecida para licenciar-me em história nesta instituição, mas, sobretudo, pelo ensejo de rememorar e saudar os amigos que cultivei nas dependências da universidade no final da primeira década de existência do curso.

No início hesitei, pois me encontrava bastante ocupado (e ainda me encontro!) na redação de uma tese de doutoramento que atualmente defendo junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina.ⁱ Com os trabalhos do doutorado em fase de desenvolvimento, fiquei reticente em publicar algo ainda bastante inconcluso, o que é natural e compreensível nos momentos em que os trabalhos se encontram na condição de um, digamos, work-in-progress.

Contudo, há alguns anos, venho protelando a revisão e a publicação de alguns textos inéditos que compuseram o primeiro capítulo de minha dissertação de mestrado, defendida em 2004.ⁱⁱ Não obstante o trabalho de revisão seja considerado importante, ele é também um exercício delicado e, ao recuperar os escritos que vão ficando esquecidos no fundo das gavetas e/ou nas pastas do computador, à medida que os anos vão passando, a gente quase

não se reconhece n'algumas frases e ideias esboçadas em outros tempos. Mas esta ocasião, de fato, é motivo de comemoração, particularmente porque neste ano de 2010, não apenas tenho a oportunidade de participar, junto aos colegas e professores, do júbilo dos vinte anos do curso que me honrou o primeiro diploma, mas também pela oportunidade – pedindo permissão aos colegas – de aclamar o cinquentenário do aparecimento do romance São Miguel, do importante escritor catarinense Guido Wilmar Sassi (1922-2002). Explico por que: a leitura deste romance não apenas me tornou um entusiasta da obra do autor, como também motivou algumas das ideias centrais apresentadas no primeiro capítulo da dissertação defendida à época do mestrado. Deste modo, resolvi encarar o desafio. Retirei os papéis da gaveta, sacudi a poeira neles impregnada, atualizei os arquivos digitais e me pus a revisar os textos. O resultado desta revisão é o que ora submeto à comissão editorial, que, caso o aprove, o submeterá aos benévolos leitores deste periódico.

História e Literatura

No Brasil, existem importantes estudos que aproximam literatura e história e mostram as múltiplas relações que se pode estabelecer entre esses campos na apreensão dos fenômenos históricos. Esses trabalhos trazem o debate sobre a possibilidade de estudo das obras que se esforçam em representar artisticamente o “real”. Diversas mudanças que ocorrem na sociedade, muitas vezes, são abordadas por poetas, escritores, pintores, artistas etc.; assim, segundo esse debate, uma leitura histórica das obras literárias que propicie aproximações e leituras cruzadas entre a história e a literatura, pode constituir-se alternativa possível na pesquisa histórica. Alguns estudos partem da ideia de que as narrativas literária e histórica podem ser encaradas como representação do real, permitindo aproximações e leituras cruzadas, mas, levando em conside-

ração que há procedimentos, expectativas e métodos diferentes, além de diferentes modalidades de leitura que o discurso, literário ou histórico, tenta provocar. Em suma, para esses autores, “as narrativas literária e histórica, através de estratégias diferentes, são formas de percepção e leitura do real acontecido e preparam a leitura do que ainda está para acontecer” (LENHARDT; PESAVENTO, 1998, p. 14-5). Neste sentido, o historiador Nicolau Sevcenko coloca muito bem a questão do esforço das obras literárias na apreensão dos processos de mudança e dos fenômenos históricos. Referindo-se à criação cultural na Primeira República, ele aponta que:

Os fenômenos históricos se reproduziram no campo das letras, insinuando modos originais de observar, sentir, compreender, nomear e exprimir. A rapidez e profundidade da transfiguração que devassou a sociedade inculcou na produção artística uma inquietação diretamente voltada para os processos de mudança, perplexa com a sua intensidade inédita, presa de seus desmandos e ansiosa de assumir a sua condução. Fruto das transformações, dedicada a refletir sobre elas e exprimi-las de todo modo, essa literatura pretendia ainda mais alcançar o seu controle, fosse racional, artística ou politicamente. (SEVCENKO, 1989, p. 237).

Foi justamente essa inquietação voltada para os processos de mudanças que, particularmente, nos interessou no romance de Guido Sassi. Como nossa questão de fundo voltava-se à compreensão da constituição histórica dos comportamentos masculinos e femininos numa perspectiva de gênero, na ocasião, arrolou-se uma série de escritos que abordavam, de alguma forma, questões em torno das identidades masculinas e femininas e, ao lado de autores como Aujor Ávila da Luz, Wenceslau Breves e escritos de viajantes, memorialistas e folcloristas, São Miguel correspondia a muitas de nossas expectativas, na medida em que parecia capturar de forma extremamente eficaz aquelas transformações nas relações entre homens e mulheres que foram sendo operadas ao longo da história, especialmente na região oeste de Santa Catarina nos anos

1950 e 1960 – recorte espacial e temporal priorizado na oportunidade da pesquisa.

Com efeito, alguns escritos importantes, como os do historiador francês Roger Chartier, nos alertaram para o risco de se fazer uma leitura redutiva das obras de literatura que destrua sua própria condição literária. De acordo com o autor, alguns historiadores fizeram leituras sem sucesso das obras de literatura, “pois as liam como se fossem um documento singular que ilustrava os resultados ou que corroborava o que as fontes e as técnicas clássicas da história tinham mostrado”. Esse é o tipo de leitura, conforme Chartier, “puramente documental e que destrói o próprio interesse de se confrontar com a literatura” (CHARTIER, 2001, p. 91). Neste sentido, para tentar afastar-se de análises redutivas, procurou-se entender as obras estudadas em sua própria singularidade, quer as abordagens de cunho sociopolítico como os trabalhos de Aujor Ávila da Luz ou Wenceslau de Souza Breves, os quais apontam para um compromisso mais explícito com a facticidade dos acontecimentos, quer a prosa ficcional do romance de Sassi, que, apesar da flagrante verossimilhança com os fatos históricos, de antemão ou de forma explícita, não se compromete com o “real acontecido”.

Todavia, não correspondia à alçada da pesquisa, fazer uma análise ampla do romance, mas sim, explorar o contexto narrado pelo autor e aqueles elementos que poderiam figurar simultaneamente ou diacronicamente, em sintonia ou de forma divergente, com outras narrativas, para só então ensaiar a apresentação de um quadro de mudanças e deslocamentos nas condições dos comportamentos de homens e mulheres nos anos cinquenta e sessenta. Contudo, preservando as particularidades de cada texto. A primeira obra então analisada foi São Miguel. Na ocasião, procurou-se observar como alguns fenômenos históricos em torno das transformações comportamentais e morais dos homens e das mulheres se reproduziram também nas letras do romance. Foi esta primeira análise que selecionamos para apresentar aqui.

Autor e obra

Guido Wilmar Sassi (GWS) nasceu em 1922 em Lages; viveu boa parte de sua infância e juventude entre esta cidade, e em Campos Novos até 1941. Antes de publicar *São Miguel*, durante as décadas de 1940 e 1950, GWS já havia exercido as profissões de comerciante e bancário (chegando a presidir, provisoriamente, a associação da classe em Lages); havia também colaborado com diversas revistas e suplementos literários, inclusive para Letras e artes, *Jornal A manhã*, do Rio de Janeiro, então dirigido por Jorge Lacerda; participou intensamente das atividades culturais em Lages, onde colaborou e dirigiu programas radiofônicos e havia publicado três livros de contos: *PIÁ* (Florianópolis: Edições SUL, 1953); *Amigo Velho* (Florianópolis, Edições SUL, 1957 – premiado em 1958 em concurso do Instituto Nacional do Livro); e, em colaboração, *Vinte Histórias Curtas* (Rio de Janeiro, Antunes, 1960); no final da década de 1950 era já o mais destacado e premiado integrante do Grupo Sul, prestigiado grupo catarinense de escritores “modernistas”. Era Sassi, portanto, um escritor maduro.

São Miguel nasceu no final de 1959. O romance de 280 páginas, como nos conta o próprio autor, fora escrito em apenas “51 dias (de 24 horas!) para concorrer a um concurso instituído em São Paulo”. O esforço diuturno não foi em vão. Já corria o ano de 1960 quando soube da notícia da conquista do referido concurso instituído pelas Edições Melhoramentos e pelo Círculo da Boa Leitura S.A na categoria Romance Inédito. Mas eram tempos tristes! Pouco antes, sua filha havia morrido por afogamento no rio Uruguai, no município de Palmitos, e seu melhor amigo suicidara-se. “Foi com sentimento apático que recebi a notícia”, confessaria mais tarde o escritor (SASSI apud MIGUEL; SOARES, 1992, p. 146). Em 1962, muda-se para São Paulo. *São Miguel* é publicado numa

expressiva tiragem de dez mil exemplares. Após o lançamento, o romance obtém sucesso de crítica e público. Em 1963 passa a viver no Rio de Janeiro e, a partir de então, viverá intensa produção literária e constituirá sua consistente obra, com direito a dezessete anos de “exílio literário”, o famoso intervalo de tempo no qual o autor abandonara a literatura.^{iv}

GWS é considerado, ao lado de Tito Carvalho (1896-1965), o maior representante do regionalismo catarinense e um dos mais importantes escritores do regionalismo sulista. Antes de trilhar os caminhos da ficção científica, é reputado o introdutor, na literatura nacional, do chamado “ciclo do pinheiro”, isto é, uma narrativa que coloca em destaque o pinheiro, sua exploração implacável e as consequências ambientais e sociais decorrentes. Embora um pouco longa para reportá-la neste artigo, a definição de Enéas Athanázio é bastante esclarecedora do regionalismo ecológico e social de GWS, de modo que pedimos licença ao leitor para citar um trecho:

[...] a árvore, outrora tão abundante, é presença quase indispensável em seus contos. A devastação das matas, a extinção da fauna, o desfigurar da paisagem, as serrarias devoradoras de toras e homens, fabricantes de aleijões, as alterações dos costumes e da própria linguagem, tudo se reflete na sua obra ficcional. E nesse contexto é amarga, registrando o inconformismo de um escritor sensível aos maléficos passos do homem na trilha da destruição da natureza e dos seres que dela dependem.

[...] ao contrário do que ocorreu com Tito Carvalho, o linguajar de Sassi, embora explorando nuances locais, não é o fundamental de sua obra e não é sobre ele que incide sua preocupação primeira. Os aspectos social e humano, econômico e geográfico sobressaem – é mais sociológico, embora não afetando a ficção. Seria um regionalista mais de fundo do que de forma, para usar uma definição do crítico Lauro Junkes. (ATHANÁZIO, 1999, p. 21-22).

Sua tendência sociológica, diga-se de passagem, é discreta, mas rigorosa, especialmente ao trazer “amostras” tão variadas das culturas populares, da religiosidade, da linguagem e dos costumes regionais. Em São Miguel, GWS reúne, sem cair em pedantismos,

epígrafes e citações retiradas da bíblia, do dicionário, de almanaques, das máximas e dos adágios populares, introduzindo, também, com sutileza, conhecimentos de fundo acadêmico, o que revela rigoroso estudo na construção do ambiente que sustenta a narrativa fictícia. Também são dignos de menção, o profundo realismo e o vigor psicológico na composição dos personagens.

Romance e personagens

O romance aborda o cotidiano dos habitantes de uma vila chamada São Miguel, localizada às margens do rio Uruguai nos anos 1950. A economia da vila depende principalmente da extração da madeira que é exportada em forma de balsas por meio fluvial descendo o rio Uruguai até os portos argentinos, o que só pode acontecer com as enchentes do rio que ocorrem três ou quatro vezes por ano. O romance, então, retrata os habitantes de uma vila margeada pelo rio Uruguai a espera das cheias.

Na descrição dos afazeres cotidianos dos habitantes da vila, numa atmosfera pesada em consequência de uma mescla de angústia e esperança na espera das cheias, o texto deixa transparecer muitos aspectos relativos à mudança, às transformações por que passavam as técnicas e as pessoas na década de 1950, correspondendo à linha modernizante dos precursores do regionalismo catarinense de que nos fala Enéas Athanázio (ATHANÁZIO, 1999, p. 25). Nela, visualizamos aspectos da modernização que se operava no Brasil na metade do século XX, na medida em que estão ali registrados os seus reflexos na vila de São Miguel, exemplo da criação do Banco do Brasil em Chapecó ou da emancipação política das vilas que agitavam os políticos e autoridades locais nas eleições para representantes das câmaras municipais ou para compor o quadro administrativo dos novos municípios então criados. O período retratado – o último dia de agosto e vinte e nove dias de setembro – é, ao mesmo tempo, pré-enchente e

pré-eleitoral. É tempo de crise e de promessas políticas.^v

São Miguel é um romance escrito em sequências curtas, em cortes, lembrando muito um roteiro para cinema; um roteiro que certamente agradaria o roteirista, dramaturgo e diretor de cinema norte-americano David Mamet.^{vi} O desenrolar da história vai se dando paulatinamente e com cortes sucessivos; cada cena cria uma expectativa para a próxima, mas nem todos os episódios são concluídos ao serem colocados em pauta; pelo contrário, eles são constantemente abandonados e retomados. A explicação dada pelo ensaísta e tradutor Paulo Rónai no prefácio da primeira edição é, neste sentido, muito esclarecedora do que estamos a dizer:

Enquanto procura abrir ao leitor uma região brasileira ainda sem voz na literatura e dar demonstração palpável dos problemas de um conjunto ecológico, Guido Wilmar Sassi empenha-se com êxito na realização de uma experiência estética, dando quase prioridade à questão estrutural. Adotando a técnica cinematográfica de seqüências breves, cujas intercalações só aos poucos se avistam, e utilizando ritmos diferentes nas duas partes do romance, logra interessar-nos, não só na sorte das personagens, como também no próprio trabalho de ficcionista. Com a engenhosa utilização de Leitmotive de símbolos estabelece maior coesão entre um feixe de subações que se completam e esclarecem, sem se juntarem num caudal. (RÓNAI apud SASSI, 1962, p. 12).

Muitos dos dramas pessoais e episódios cotidianos acabam por convergir, inevitável e teimosamente num único assunto: a partida das balsas no rio Uruguai até os portos argentinos. Atividade que, por sua vez, raramente ocorria, pois as grandes enchentes do Uruguai acontecem apenas duas ou três vezes ao ano, chegando a, no máximo, quatro grandes cheias. As maiores cheias geralmente ocorriam entre os meses de agosto a novembro; talvez esteja aí o leitmotive da narrativa: como havia já alguns anos de poucas chuvas, insuficientes para se atingir o ponto de balsai, grande parte dos moradores da vila encontravam-se em dificuldades de toda a ordem. Um drama da seca, embora muito diferente da seca nordestina, isto é, não a seca total, mas a escassez de chuvas tor-

renciais, suficientes para uma enchente. A crise atinge a todos, desde o “balseiro” que está sem trabalho, até os donos das serrarias que não conseguem honrar seus compromissos com o banco. O dono da mercearia não recebe o pagamento dos devedores, porque boa parte da população dependia da economia madeireira. Até mesmo o padre tem dificuldade na arrecadação das esmolas para a realização da festa de São Miguel, padroeiro dos balseiros. Não por acaso, o dia do santo é 29 de setembro, período que raramente passa sem chuva, prenunciando ou culminando o período torrencial das cheias. O autor descreve, portanto, uma comunidade em crise; em estado de tensão, na qual, muitas vezes, as pessoas revelam os seus mais profundos sentimentos e preconceitos; em estado de crise facilmente as máscaras caem. Com efeito, o romance não tem um personagem principal; talvez a tão esperada enchente cumpra esse papel pela importância que vai adquirindo ao longo da trama. O rio Uruguai, também ele próprio em estado de crise, protelando o derramar abundante e costumeiro das “águas de outubro”, resistindo ao seu transbordamento em cheias pródigas, acaba por protagonizar a história ao exacerbar as tensões socioculturais e familiares.

A extração da madeira era uma das principais atividades econômicas da região. Sobretudo entre os anos 1930 e os anos 1960, praticamente toda a madeira extraída era exportada, através do transporte fluvial pelo rio Uruguai, até os portos da região de Santo Tomé na província de Corrientes na Argentina, na divisa com São Borja no lado brasileiro. O meio de transporte utilizado era a “balsa”: uma enorme jangada de toras ou tábuas amarradas com cipó, ou arame. A jangada também era chamada “remolque”, ou, na expressão popular, “remorque”.^{viii} A madeira é duplamente o principal produto transportado e o próprio recurso material para construir a jangada. A balsa é, assim, uma carga que transporta-se a si mesma, guiada por homens. Na superfície da balsa, os balseiros constroem cabanas improvisadas para as refeições, preparadas pelo “prático” e, para refugiar-se das intempéries do tempo; quando

possível, nos fogareiros do seu interior preparava-se uma “cuia de chimarrão”, ou degustava-se – no dizer de um balseiro – um “trago de canha”, isto é, um gole de cachaça, para encarar os desafios da condução da balsa no Uruguai, desviando-se de ilhotas e pedras até chegar ao temido Salto Grande do Uruguai, o Salto *Yucumã*.^{ix}

Neste sentido, a vila de São Miguel parece querer representar uma realidade vivida em praticamente toda a região, principalmente nos municípios e vilas localizadas às margens do rio Uruguai. Mas não é somente a extração da madeira e seu transporte que interligam essas vilas e municípios. Entre outros assuntos abordados pelo autor, o sistema oligárquico decadente, os processos de emancipação política dos distritos municipais, o aparecimento de novos costumes e a substituição gradativa da exploração da erva-mate pela exploração da madeira, constituíram-se motivos irresistíveis para tomar São Miguel “experiência” exemplar de nossas pesquisas.

Masculinidades e feminilidades

O primeiro conjunto de “situações” narradas pelo autor – inquieto com os processos de mudança – que nos chama a atenção está relacionado às percepções dos personagens Inacinho Vieira e Gracílio Medeiros – dois coronéis da vila – sobre as mudanças que estão ocorrendo à sua volta. São percepções sobre o declínio da supremacia do coronel, das relações de dependência, das relações patriarcais e do “mandonismo local”, manifestadas por meio de metáforas que falam de mudanças no comportamento dos homens no limiar dos anos 50. Esses homens parecem lamentar uma série de mudanças que estão se tornando mais visíveis neste período. Lamentam a redução do seu poder de mando ao constatarem que sua autoridade se perde nas novas relações que se impõem. Inacinho Vieira, bastante nostálgico, passava praticamente o tempo todo

relendo jornais antigos e rememorando o seu passado “glorioso”, consternado pelos rumos que os tempos presentes queriam tomar.

Mas, insidiosos, os pensamentos assaltavam-lhe o cérebro, e o homem, então, era obrigado a pensar um pouco. Mas fugia logo, escondendo-se no passado. O passado ainda era bom, e valia a pena recordar-se dele. Ruim era o presente. Ruim e feio. E o futuro? Inacinho não sabia. Não queria saber, não precisava saber. Deixassem-no em paz, nada mais pedia ele. E aquele compromisso da sua candidatura? Coisas da Marta [esposa]. Seu tempo havia passado. Não adiantava mais. Empreitada para gente nova, não para ele, que já estava no fim. Bem tentara excusar-se [sic]. Mas a mulher insistira, os amigos insistiram. O recurso fora aceder, concordar; e ter, agora, de agüentar as reuniões do diretório, de ouvir sugestões, acatar conselhos ou dar palpites. Dantes a política era outra, bem diferente. Ele, folheando a sua coleção de jornais antigos, rememorava a ‘política velha’, com seus homens de valor, suas campanhas memoráveis. Naquele tempo um homem mandava, ou não mandava. Tudo mais simples. Agora é que existiam aquelas novidades, a maior parte das quais ele não entendia – nem queira entender. Mas ele havia mandado, isso era o que valia. Anos e anos tivera a autoridade nas mãos, anos e anos ele fora o chefe, o guia, e sua palavra era lei. Atualmente qualquer guri, nascido ontem, fedendo a cueiros, se metia a palpiteiro, a dar ordens. Mesmo a política de hoje era para gente moça, não para ele. Por sorte o filho estava para chegar, e ele, no futuro, largaria tudo nas mãos de Altamiro, para que de novo erguesse o nome dos Vieira. Altamiro era jovem, podia com a carga; ele não, estava cansado e velho. (SASSI, 1979, p. 36).^x

Numa conversa entre Graciliano e seu pai, o coronel Gracílio Medeiros, revelam-se as disputas entre as atividades econômicas mais rentáveis do período. O coronel defende o seu sucesso com a extração da erva-mate e ataca o insucesso do filho com a exploração da madeira; este se endividara em função da seca que impossibilitava o transporte das “toras” e “pranchas” até os portos argentinos. Vejamos o diálogo:

- O mate não dá mais nada, pai.
- Não dá, não dá. Não dá pra vocês, que são uns molengas. Não dá aqui. No meu tempo, como é que dava? Mas a gente

ia pra frente, pra outro lugar, se a erva se acabava. No que é que eu me fiz? Foi na erva-mate, você sabe disso. Mas naquele tempo havia homem de verdade. Agora vocês deixaram os estranha tomar conta de tudo. Quem é que manda no mate que ainda tem? É o estrangeiro. Quem é que manda na madeira? É o gringo do Rio Grande. Essa italianada tomou conta de tudo. E vocês de braço cruzado, achando bonito. Fosse no meu tempo...

– Mas o tempo mudou, erva-mate não dá mais. O recurso é a madeira. [...].

– Pois eu, quando cheguei aqui, tudo isso era um mato virgem. Dava cobra e onça, dava até bugre. Naquele tempo havia homem de verdade. Apareciam os que queriam atrapalhar a gente, isso apareciam. Mas a gente comia eles na faca, mandava fazer uma espera, acabava com todo o mundo na bala. (p. 50-1)

O coronel Gracílio revela em sua fala o mandonismo local e o emprego da força e da violência com os adversários durante a Primeira República, período em que essas relações começam a entrar em decadência no Brasil e que, no oeste catarinense, apesar de aparentemente estar em franca atuação, começa a dar os primeiros sinais de sua derrocada. De acordo com Mônica Hass, o poder político chapecoense, até por volta da década de 30 e 40, caracteriza-se por um forte mandonismo que foi perdendo força no governo Vargas entre 1930 a 1945. “Mas seu declínio acentua-se na fase de redemocratização do país, pós-45, quando o poder local acabou sendo diluído entre vários grupos que surgem ou se fortalecem com as mudanças socioeconômicas que ocorrem na região, após o final dos anos 30” (HASS, 2000, p. 14). A autora ainda ressalta os conflitos nas lutas políticas deste período, abordando a violência, frequentemente armada, destacando-se como um instrumento de dominação utilizado na intimidação de adversários políticos, eleitores e inimigos. (HASS, 2000, p. 75).

Quando o coronel Gracílio afirma que em seu tempo havia homens de verdade, apresenta um descontentamento com as novas posturas adotadas pelas novas gerações. Apesar de Inacinho Vieira ainda crer que seu filho Altamiro, que estava estudando na capital e prestes a regressar à vila, pudesse reerguer o nome dos

Vieira, ele também revela esse descontentamento. Aquele território, antes marcado pela personalidade e pela hereditariedade, em que os poderes econômico e político pertenciam a poucas castas, começa a desaparecer no interior das novas relações capitalistas – relações que permitem que a exploração da madeira atraia, cada vez mais, novos investidores, sobretudo descendentes de italianos e alemães vindos do Rio Grande do Sul numa nova frente migratória dos anos 50 – e das novas relações políticas – principalmente com o pluripartidarismo. Durval Muniz de Albuquerque Júnior diz que um dos elementos definidores da modernidade é, exatamente, a mudança das relações com o espaço. Para ele, o desenvolvimento tecnológico dos meios de transporte e comunicação, além da mecanização, parece produzir um encolhimento das distâncias e a alteração das percepções espaciais. As relações presentes, tanto na “antiga sociedade dos engenhos” analisada por Albuquerque Jr., quanto na “sociedade extrativista” do Oeste Catarinense, parecem mostrar um poder, até então, sem limites, cujo arbítrio é praticamente tido como lei, mas que está sendo também reduzido no momento em que se ampliam as noções de tempo e espaço na modernidade (ALBUQUERQUE JR., 2001, p. 92).

A decadência de Inacinho Vieira e sua família, cuja única fonte de recursos financeiros passou a ser um hotel, logo é constatada pelo filho Altamiro assim que chega à vila:

Nunca pensara que a decadência do pai fosse tão grande. Um inútil. A mãe virada num caco, envelhecida prematuramente, matando-se para bem dirigir o hotel. No que virara a sua gente! O pai sempre numa hebetude sem fim, ridicularizado por todos, servindo de chacota ao povo: ‘O Inacinho Fracasso. Olhem o Inacinho Fracasso!’ A mãe rebaixando-se na exploração do hotel, dando de comer a gente inferior a eles, agüentando impertinências e desaforos, trabalhando que nem negra cativa. Ele, na capital, ignorava a realidade. [...] O pai não tinha mesmo jeito. Apático, sem vontade, governado pela mulher. Bastava um dia para Altamiro verificar a situação. (p. 96) [...] Mas doía mais era ver a impotência do velho, a destruição do clã, a derrota da família. (p. 168)

Essas percepções parecem estar sendo associadas à perda da masculinidade. Em primeiro lugar, as percepções de Altamiro – o filho, vendo seu pai apático, sem vontade, em decadência – culminam no “inadmissível” fato de ver o pai governado pela mulher na lamentação de que “o que doía mais era ver a impotência do velho”. Em segundo lugar, as percepções do povo que chacoteia Inacinho, qualificando-o de fracassado por este se encontrar em tais condições. As metáforas impotência, fracasso, homem governado pela mulher, contra o conjunto de valores que, antes, eram agenciados para definir o homem de verdade, ou o homem de valor, o homem viril. Ouçamos, pois o Coronel Gracílio em algumas passagens do romance:

– Veio de fora, estrangeiro é. Isso de falar a mesma língua não quer dizer nada. Nunca mesmo que no tempo da gente os de fora iam tomar conta de tudo. Moleza de vocês. Não tem mais homem macho. (p. 52)

– [...] Eu e minha gente vamos votar no Inacinho Vieira. [...] Fora ervateiro também, um dos pioneiros, e deveria conservar um pouco da fibra antiga. Gente como ele e Inacinho é que haviam desbravado o lugar. Gente macha. Não fossem eles, e aquilo ainda seria um deserto. Agora tudo havia mudado, até Inacinho mudara; mas ele, Gracílio, é que não mudaria nunca. Mostraria aos madeireiros quem era ele. Que vencessem, não importava. Ele que não se dobraria. Aquela gente nova era mesmo uma cambada de frouxos. [...] [No passado] um homem enfrentava o outro, cara a cara, e o mais forte vencia. Agora aquela cambada de molengas, com ‘frescurinhas’. Coisa de molóides. (p. 118)

As percepções de Gracílio também remetem a uma espécie de “desvirilização da sociedade”. Porém, este atribui tal acontecimento às novas gerações. Para ele, seria a nova geração que estava se desvirilizando. Os adjetivos frouxos, molengas, moloides, o qualificativo frescurinhas, que os valores que predominavam em seu tempo – agora decadente – se perderam neste tempo que, na percepção do coronel, é um tempo em que não existe mais homem macho. Ser homem não se reduz, simplesmente, aos caracteres físicos do corpo, ainda que as interpretações deste sejam frequente-

mente agenciadas nos discursos definidores dos “gêneros” masculinos e femininos, nem aos elementos identitários sexuais, mas sim, num conjunto de atributos morais de comportamento, socialmente e constantemente sancionados, reavaliados, negociados, relembrados (ALMEIDA, 1995, p. 28). Um processo em constante construção. Ainda que o corpo como realidade biológica seja fortemente mobilizado na definição do “ser homem” e do “ser mulher”, devemos levar em consideração as diferenças do significado “ser homem” em épocas diferentes, entre classes sociais distintas, ou entre grupos com níveis de instrução ou afiliações étnicas e religiosas diferentes. Principalmente porque, com Thomas Laqueur, aprendemos que o sexo que nós conhecemos foi inventado no século XVIII, quando “os órgãos reprodutivos passaram de pontos paradigmáticos para mostrar hierarquias ressonantes através do cosmo ao fundamento da diferença incomensurável”. Principalmente através da medicina, os dois sexos “foram inventados como um novo fundamento para o gênero” (LAQUEUR, 2001, p. 189-90). Assim, os requisitos para que um indivíduo do sexo masculino seja considerado verdadeiramente homem se espalham por diversos níveis do social. Para além do corpo, eles podem ser tematizados e constituídos também nas sociabilidades cotidianas e nos diversos processos históricos, sociais e culturais (ALMEIDA, 1995, p. 129).

Então, quais seriam os requisitos culturais no oeste catarinense para que um indivíduo do sexo masculino fosse considerado verdadeiramente homem? Poderíamos citar alguns como: fibra, força, prestígio, poder econômico e político, potência. Esses requisitos já nos mostram como os significados de “ser homem” ou “ser mulher” não se localizam estritamente no corpo, mas também nas relações sociais do cotidiano, em que são historicamente sancionados e, em muitos casos, problematizados também na literatura. É o que parece acontecer na narrativa de GWS. Ajustando nosso olhar mais especificamente às questões das masculinidades e feminilidades, podemos perceber que o “ser homem” na “Macondo” de Guido Sassi, passava por mudanças que podem ser percebidas no

cotidiano da vila através das tensões das relações sociais de seus personagens:

Elpídio não perdia tempo; ali estava o roçado, pronto para receber as sementes. E progredindo que estava, o danado do caboclo. Arranjara aquele empréstimo com o Banco do Brasil, em Chapecó, e estava indo para frente. De primeiro, tinha uma lavourinha de nada, que ele mesmo dava conta para plantar. Agora era um terrenão enorme, quase todo plantado, lucro dos bons. Diziam que ele empregava, por ocasião da sementeira ou das colheitas, mais de trinta trabalhadores. Estava importante, o homem. Quem te viu e quem te vê. Metera-se na política e era bem conceituado, influente, respeitado pelos mandões. Era um deles, já. (p. 31).

Novamente constata-se a redução de um território marcado pela personalidade e pela hereditariedade. O poder concentrado na mão de poucas famílias parece encurtar à exata proporção em que aparecem novas alternativas de investimentos econômicos e de créditos a partir da diversificação do sistema capitalista, o que proporciona a algumas pessoas (como Elpídio) ampliar o seu poder econômico e, em alguns casos, político.

Com efeito, abrimos agora outro conjunto de argumentos do romance que apontam para uma análise mais abrangente dos significados que operam nas relações de gênero no cotidiano da região oeste dos anos 50 e 60. Esse conjunto de argumentos não aponta somente para mudanças de comportamentos, como vimos na questão dos coronéis Gracílio e Inacinho, mas nos ajudam, também, a perceber outros requisitos de masculinidade e as próprias relações de gênero num período de mudanças.

O personagem Jesuíno, casado com Teresa, decidiu abandonar a agricultura e trabalhar como balseiro. Decidiu apostar não apenas em nova alternativa de renda, como também encarar um trabalho que iria requerer grande dose de espírito aventureiro. As relações hierárquicas entre homens e mulheres no cotidiano da vila revelam-se na seguinte passagem:

Gostava de plantar, isso gostava. Criara-se naquilo. Mas nunca tivera sorte com a terra. Esta nunca lhe devolvera o suor. Também, no seu tempo, não havia aquelas facilidades de conseguir empréstimos nos bancos. Tudo mais difícil, mais trabalhoso, mais cheio de entraves. Por isso é que se metera a trabalhar de balseiro. Tereza não gostara – ‘Ara, mulher não tem querer’ – e muito insistira para que ele voltasse à vida de agricultor. Mas o diabo daquelas viagens, em cima das balsas, tinha o seu lado bom. [...] Não só pelo dinheiro, não. Também pelo gosto que dava descer o rio em cima de toros, e meter-se, depois, pelos cabarés da Argentina, encachaçar-se uma semana ou duas sem preocupações, pegar chinás diferentes. E então, a volta: um novo terno, sapatos, comida com fartura para a família, roupas, todas as precisões. Vida ingrata e dura, certo, mas com o seu lado bom. (p. 31).

Apesar dos apelos da esposa Teresa, Jesuíno é quem decide, pois, no seu pensamento, “mulher não tem querer”, e uma das coisas que o atraía na viagem não era só o dinheiro, mas o gosto da aventura nas balsas e a diversão pelos cabarés argentinos como uma espécie de “gratificação autorizada” pelo esforço e coragem de enfrentar os perigos do rio no trajeto até as margens Correntinas. Em seguida, ao construir as impressões de Teresa sobre a condição do casal, o autor segue mais ou menos a mesma linha:

Então, ajoelhando-se, Teresa orou. Pediu pela saúde dos filhos, do marido, dela mesma. [...] Ela sabia os resultados daquelas viagens, mas as desejava, assim mesmo. [...] Ela, desejando as viagens, odiava-as também, pelo que poderia acontecer. Não era só o temor de que ele se deixasse ficar na Argentina, enrabichado por mulheres. Não era só o medo das moléstias que poderia trazer para casa. Também temia que ele se desastrasse, que voltasse com uma perna ou as costelas partidas. Temia também que ele não voltasse mais, nunca mais, que virasse alimento dos peixes do Uruguai. Era uma vida ruim, aquela com o seu homem, Teresa reconhecia. Pior, porém, viver sem ele. Por isso ela rezava, para que ele regressasse vivo. Não era de todo mau, o Jesuíno. Melhor, até, do que muitos outros. O José era um cachaceiro, e o Antônio um vagabundo. O Generoso batia na mulher, e a coitada vivia que era só pele e ossos. Didi Fernandes vivia no jogo, sem trabalhar. Que São Miguel trouxesse o seu homem de volta, são e salvo. Mas que providenciasse, também para que a enchente viesse logo. A enchente resolveria tudo. [...]

As noites de insônia, que ela teria de passar, aguardando a volta do marido, ainda estava no porvir. Seriam trabalhos a passar ainda. Mas não lhe doíam na carne e na alma, atualmente. A falta de chuvas, sim, aquilo era o presente, o que importava no momento. (p. 92-3).

A narrativa do autor aponta para certa naturalidade com que era encarada uma relação hierárquica entre os casais. O marido era o provedor; por mais que “ele se deixasse ficar na Argentina, enrabichado por mulheres”, por mais que Teresa tivesse “medo das moléstias que o marido poderia trazer para casa”, o maior medo de Teresa era pensar na impossibilidade da volta do companheiro, ou que este ficasse impossibilitado de trabalhar, comprometendo, assim, o sustento da família.

Outro flagrante em São Miguel, a respeito da posição do homem como provedor da família, é o caso de Mário e Anita. Mário, um balseiro, queria casar-se com Anita, mas, em função da crise imposta pela ausência de cheias no Uruguai, não tinha dinheiro para providenciar o casamento, a moradia e o sustento do casal. Protestava então o balseiro: “[...] Mas se eu, agora, não tenho dinheiro para sustentar mulher?” (p.106).

Naturalmente, a mãe da pretendida, não aprovava a união:

A mãe de Anita, dona Sinhana, não consentia o casamento, pois fora mulher de balseiro e [...] sabia o que era passar trabalho e privações, sem dinheiro, em casa faltando tudo. Sabia o que era ficar esperando a volta do marido, que lá se fora, Uruguai abaixo, trepado nos ‘remolques’, e escapando de morrer umas cem vezes por dia. (p. 108).

No entanto, esta “condição feminina” deve ser problematizada. É preciso estar atento ao fato de que “mesmo nos trabalhos que procuram analisar e estudar o domínio feminino, persiste o interesse pelo simbólico e pelas alegorias da ‘condição feminina’, [...] que pertencem ao campo da erudição, das tradições, do literário e se alimentam uns aos outros num círculo vicioso que não se rompe.” (DIAS, 1995, p. 49-50). Quais as responsabili-

dades que essas mulheres assumiam na ausência/presença do marido? Maria Odila Dias fala que os papéis propriamente históricos das mulheres, pela dificuldade de documentação, ou pela intencionalidade do documento, podem ser “resgatados das entrelinhas, das fissuras e do implícito nos documentos escritos.” (Dias, 1995, p. 50).

No caso dos Vieira, em que Inacinho “transformara-se num trapo, o Inacinho Fracasso, fantoche mandado pela mulher”, dona Marta, a esposa, “consequira evitar o naufrágio total” dos negócios e da família:

[...] Como o velho tivesse perdido todo o ardor, a razão mesma de viver, ela tomara a direção da casa, passando a gerir todos os negócios. Mulher disposta, acostumada também ao mando, reunira todas as economias e montara o hotelzinho. O lucro não era muito, mas dava para que todos comessem; dava para custear os estudos de Altamiro, na capital; e dava para que Leonor [a filha] comparecesse aos bailes com vestidos novos. Também fora graças ao produto do hotel que ela cursara, durante alguns anos, o internato do colégio das freiras. [...] dona Marta ‘se virava’, numa ‘ginástica’ tremenda, para equilibrar o orçamento. (p. 131-2)

Assim como o caso de dona Marta, a relação entre Anita e Mário também aponta para uma espécie de subversão dessa “condição feminina”. Anita, em diversos momentos ao longo da história, enfrenta sua mãe que era declaradamente contra o namoro. Aliás, os casamentos, usualmente, estavam ligados a interesses financeiros e políticos. Em geral, eles aconteciam entre pessoas de mesma “classe social”, no intuito de manter o poder econômico e político neste círculo delimitado de poucas famílias. Além disso, o casamento era fundamental na vida de qualquer pessoa. Não se admitia que um homem ou mulher avançasse na idade sem se casar. Para os homens o casamento, ou melhor, a mulher, “aparelhava as arestas” (pp. 84 e 178). Para as mulheres, é sonhar com “um moço bom, de futuro” (p. 85), sempre com o consentimento dos pais. Por outro lado, aos homens era dada certa liberdade de

escolha, mas com certas ressalvas. É o caso de Graciliano, que também havia se enamorado por Anita, que afinal gostava de Mário. Quando o Coronel Gracílio nota que o filho não consegue conquistar Anita sem a ajuda de alguém, vai logo “destilando” seu descontentamento com as mudanças que ocorrem à sua volta, o interior da sua prole:

[...] Pois macho da minha família nunca precisou contar segredo de mulher pros estranho, nem precisou que outros resolvessem pra ele. Macho da minha família, quando gostava duma fêmea, pegava ela e pronto.
– Pois é, pai, mas a moça não quer saber de mim.
– E que não queira! Você, se fosse homem, pegava ela de qualquer jeito. Mas não, você não passa dum frouxo. Deixando que um miserável dum balseiro tome a mulher de você! [...] e uma rapariga pobre, que nem branca não era. [...] Tudo culpa daquelas maneiras de viver de agora. A gente nova havia perdido a fibra, não tinha mais coragem. (p. 194-5).

Claro está o fato de que é dada certa liberdade aos rapazes nas escolhas matrimoniais, mas desde que a pessoa escolhida possua alguns requisitos; neste caso, que ela seja, de preferência, rica e branca. Novamente aparece a acusação de que as novas gerações estão perdendo a fibra, a coragem, a masculinidade. Aqui, vemos também outros sinais de mudanças no limiar dos anos 50, como a emergência do chamado “casamento romântico”. As mulheres cada vez mais tendem a escolher o seu par, em detrimento de uma decisão racionalizada dos pais. O amor passa a ser mais importante numa relação e a própria garantia desta; a mulher, por ser identificada como mais propensa ao afeto – em oposição ao homem, que é identificado como mais propenso à racionalidade – a partir deste momento, é quem passa a escolher o parceiro e, também, quem passa a ter mais responsabilidade na manutenção do casamento.^{xi}

Nessas novas “relações de gênero”, parte das mulheres começava a dar sinais de resistência a uma situação desigual ou hie-

por a Mário a fuga do casal (p. 106). Isso não quer dizer que haja um consenso, principalmente entre os homens, de aprovação dessas mudanças ou desses indícios de “libertação” das mulheres. É o caso do coronel Gracílio, enunciado acima, e outros inúmeros casos em que muitos homens, e até mesmo boa parte das mulheres, insistem em colocar as mulheres numa condição de inferioridade aos homens. Vejamos:

- Em mulher a gente não se fia, seu Ernesto. Mulher é bicho danado e traiçoeiro, mesmo que seja santa. (p. 26).
- Eu já disse que mulher não entende dessas coisas. (145).
- [...] Pensava que ela era mulher à-toa, não é? Pois não era. Tinha dono, e o seu dono era homem macho. (p. 151).
- [...] E incomodando-o com conversinhas próprias de mulher, como se ele, Gracílio, fosse acostumado a resolver questões por caminhos escusos. (p. 196)

À guisa de conclusão: masculinidades e feminilidades, no plural!

As passagens acima citadas são expressões de um universo em que a mulher é colocada numa condição naturalizada de inferioridade em relação ao homem, mas, ao mesmo tempo, o autor narra histórias de personagens que subvertem e contrariam esse universo, desestabilizando a ordem dominante. É o caso do personagem Dorival, balseiro da vila, que “[...] não era dado a freqüentar mulheres. Havia qualquer coisa de misterioso, de mal explicado, em sua vida. Bom companheiro, sem dúvida, mas não topava farras. Ninguém sabia direito por que, só desconfiavam. Mexiam com ele, às vezes, mas Dorival não ligava” (p. 54). É também o caso de Ambrosina, empregada doméstica dos Vieira. Ambrosina representa, no romance, um tipo de comportamento destoante. Apesar de cumprir ordens dos Vieira, que é parte de seu trabalho nos afazeres do hotel, é mulher bastante independente que tem encontros amorosos com diferentes homens, embora os encontros com Zé Pintado, balseiro da vila, fossem às escondidas. Destarte, o autor vai, através de uma narrativa de casos opostos e diversos, multiplicando as identidades masculinas e femininas e os rostos dos personagens da vila de São Miguel.

Caso seja possível uma história dos comportamentos masculinos e femininos no oeste de Santa Catarina através de textos, é preciso estar atento aos múltiplos discursos que gravitam em torno das concepções das diversas “identidades de gênero”. Apesar dessa questão, muitas vezes, receber impressões homogeneizantes e restritas a um modelo único de masculinidade ou de feminilidade e, também, ser tratada fora das próprias relações sociais entre homens e mulheres, é importante estar atento às múltiplas identidades masculinas e femininas forjadas histórica e socialmente nos múltiplos discursos em torno das “identidades de gênero” – inclusive o discurso literário – e pensar uma história do ponto de vista plural, isto é, histórias de masculinidades e feminilidades.

Notas

* Doutorando em história cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina com financiamento da Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina.

¹A tese aborda a história dos processos de institucionalização dos manuais escolares destinados à alfabetização entre o final do século XVIII e durante o século XIX, concentrando-se no período imperial. Os trabalhos estão sendo orientados pela Professora Dra. Maria de Fátima Fontes Plaza e co-orientados pela Professora Dra. Maria Teresa Santos Cunha. O título do projeto, cuja defesa está prevista para fevereiro de 2012, é: “O Império das primeiras letras: uma história da institucionalização da cartilha de alfabetização no século XIX”.

²VOJNIK, Fernando. “**Iluminar a inteligência e educar a afetividade**”: uma história do gênero masculino no Oeste Catarinense – 1950/1970. 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Pesquisa financiada com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES sob orientação da Profa. Dra. Cristina Sheibe Wolff.

³Além do romance, as principais obras pesquisadas foram: LUZ, Aujor Ávila da. Os fanáticos: crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos (contribuição para o estudo de antropossociologia criminal e da história do movimento dos fanáticos em Santa Catarina). 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999; BREVES, Wenceslau de Souza. O Chapecó que eu conheci. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Florianópolis, n. 6, 1985; e VIEIRA, João Alfredo Medeiros. Diário de um agente itinerante. Rio de Janeiro: Leitura, 1969.

⁴ Entre as publicações posteriores a *São Miguel* destacamos: **Testemunha do Tempo**. Rio de Janeiro: G.R.D., 1963; **A Bomba Atômica de Deus**. Florianópolis: FCC Edições, 1986. Além do romance *São Miguel* (Boa Leitura, São Paulo, 1962), escreveu ainda outros três: **A Geração do Deserto**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964, que mais tarde foi adaptado para o cinema no filme **A Guerra dos Pelados**, com roteiro e direção de Silvio Back; **O Calendário da Eternidade**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1983; e **Os Sete Mistérios da Casa Queimada**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1989. Escreveu para diversos jornais e revistas de Santa Catarina, Paraná, São

UFSC, 1989. Escreveu para diversos jornais e revistas de Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro e participou de diversas coletâneas e antologias.

^v Na ocasião da pesquisa chegamos a afirmar que *São Miguel*, a vila fictícia do romance, seria o próprio município de São Miguel do Oeste, em função de algumas características semelhantes entre a vila descrita pelo autor e o município que havia conquistado emancipação política em dezembro de 1953 pela lei n. 133. Entretanto, no romance, nada autoriza o estabelecimento desta associação e o município de São Miguel do Oeste, inclusive, não tem suas fronteiras margeadas pelo rio Uruguai. Contudo, a “Macondo” de Guido Wilmar Sassi tem evidentes semelhanças com a história de várias vilas e municípios da região oeste dos anos 1950 e poderia ser tomada aqui como arquétipo de muitas delas, o que nos parece, hoje, uma associação mais conveniente por ser menos específica.

^{vi} Tanto em filmes de Mamet, **O assalto** ou **Redbelt – Cinturão Vermelho**, quanto em alguns de seus livros, é notável a ênfase na importância do *corde* para a criação dramática ou cinematográfica. (MAMET, David. **Sobre a direção de cinema**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002; e MAMET, D. **Três usos da faca**: sobre a natureza e a finalidade do drama. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001).

^{vii} Nível alto da água (cerca de seis metros acima do curso normal) que permite a navegação da balsa.

^{viii} As árvores extraídas na região eram transformadas em “toras” e arrastadas por bois até a margem do rio Uruguai ou afluentes ou até as serrarias. Eram reunidas aproximadamente 200 a 600 toras – às vezes eram transformadas em tábuas ou pranchões – as quais, amarradas com cipó ou arame, formavam, assim, as balsas ou remolques. Em cima de uma balsa, oito a quinze homens desciam o Uruguai, guiando-a com remos e desviando-a dos rochões, ilhotas e saltos, conduzindo, assim, a madeira através do impulso natural da correnteza. (LUZ, Aujor Ávila da. *Op. cit.*; BELLANI, Eli Maria. **Madeiras, balsas e balseiros no rio Uruguai**: o processo de colonização do velho município de Chapecó 1917 – 1950. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1991).

^{ix} Como no trecho da canção *Balseiros do Rio Uruguai*, de Barbosa Lessa: “Se chegar ao salto grande/Me despeço deste mundo/Rezo a Deus e a São Miguel/ E solto a balsa lá no fundo.”

^x Nesta análise, valemo-nos da segunda edição do romance publicada pela Edições Antares em 1979. Todas as referências são extraídas desta edição, motivo pelo qual, nas próximas citações, far-se-á referência apenas à página do livro.

^{xi} Durval Albuquerque Júnior, estudando a invenção do nordestino a partir de uma “perspectiva de gênero”, observa a irrupção do casamento romântico no Nordeste entre os anos 20 e 40 e conclui que “a emergência do casamento romântico está relacionada pois, com mutações subjetivas, que, por seu turno, requeriam uma redescritção do que seria o masculino e o feminino”. ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Nordestino**: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003, p. 71.

Referências:

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. **Nordestino: uma invenção do falo** – Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. Limites do mando, limites do mundo: a relação entre identidades de gênero e identidades espaciais no Nordeste do começo do século. **História: Questões & Debates**. Curitiba, n. 34, 2001. Nordeste do começo do século. **História: Questões & Debates**. Curitiba, n. 34, 2001.

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade**. Lisboa: Fim de Século, 1995.

ATHANÁZIO, Enéas. **O regionalismo passado a limpo**. Balneário Camboriú, SC: Editora Minarete, 1999.

BELLANI, Eli Maria. **Madeiras, balsas e balseiros no rio Uruguai: o processo de colonização do velho município de Chapecó 1917 – 1950**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1991.

BRANCHER, Ana. História na literatura, história e literatura. In: BRANCHER, Ana (Org.). **História de Santa Catarina: estudos contemporâneos**. ópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. 2 ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 1995.

HASS, Mônica. **Os partidos políticos e a elite chapecoense: um estudo de poder local – 1945-1965**. Chapecó: Argos, 2000.

LAJOLO, Marisa. Regionalismo e história da literatura: quem é o vilão da história? In: FREITAS, Marcos Cezar de. **Historiografia brasileira em perspectiva**. 2 ed. São Paulo: USF/ Editora Contexto, 1998.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEENHARDT, J.; PESAVENTO, S. J. (Org.). **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1998.

LUZ, Aujor Ávila da. **Os fanáticos: crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos (contribuição para o estudo de antropossociologia criminal e da história do movimento dos fanáticos em Santa Catarina)**. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

MAMET, David. **Sobre a direção de cinema**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MIGUEL, Salim; SOARES, Iaponan (Org.). **Guido Wilmar Sassi: literatura e cidadania**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1992.

RÓNAI, Paulo. Apresentação de Guido Wilmar Sassi. In: SASSI, G. W. **São Miguel**. São Paulo: Boa Leitura Editora, 1962.

SASSI, Guido Wilmar. **São Miguel**. São Paulo: Boa Leitura, 1962.

SASSI, Guido Wilmar. **São Miguel**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Antares; Brasília: INL., 1979.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

Abstract

In this article, we talked about the government initiatives to promote an education of the ethnic-racial relations and present challenges and perspectives concerning the relationship of education with the teaching of history, emphasizing the need to adopt principles of a multicultural curriculum. Based on literature and legal sources, we assume that, in Brazil, a history teaching eye on ethnicity provides some means to raise awareness of the importance of the various groups of the Brazilian nation, as content knowledge and diverse activities will take place in school. The importance of this knowledge in order to promote a democratic society, citizens and historically conscious, part of the present study.

Keywords: Ethnicity. History Education. Cultural Diversity.